

***THIS IS A HISTORY TO PASS ON: UMA LEITURA DE WAITING IN THE  
TWILIGHT, DE JOAN RILEY***

***THIS IS A HISTORY TO PASS ON: A READING OF WAITING IN THE TWILIGHT, FROM JOAN  
RILEY***

**Suzana Raquel Bisognin Zanon<sup>1</sup>**

**RESUMO:** O presente artigo tem como principal objetivo analisar os elementos que designam ser o romance da escritora caribenha Joan Riley, *Waiting in the Twilight*, como uma história a ser passada a diante. Colocando em diálogo com o romance de Tony Morrison, *Beloved*, esta narrativa veicula, através de seu pano de fundo, um cenário subserviente, escravista e discriminatório protagonizado pela imigrante Adella, mulher negra e pobre de origem caribenha. As mulheres negras oriundas do Caribe, durante o período colonial, tiveram de migrar para países estrangeiros, fugindo de uma situação que as negava enquanto seres humanos como o servilismo sexual, a escravidão e a submissão aos trabalhos pesados. Diante disso, colocamos em análise o contexto da mulher negra caribenha, migrante e pobre, na narrativa de Riley, como vítima e agente de uma história isenta de glória, mas que é digna de ser passada a diante.

**Palavras- Chave:** Caribe. Migração. Adella.

*The Negro Race is the feminine race of the world for it possesses that strange  
instinctive insight that belongs more to woman than to man.*  
( Abolicionista Americano do século XIX)

“A raça negra é a raça feminina do mundo por possuir um estranho e intuitivo instinto que pertence mais ao homem do que à mulher”. Assim dizia um abolicionista americano do século XX, que foi feliz em pronunciar estas palavras, que ganham voz através de uma das literaturas que mais canta a dor do passado de nativos do continente americano: a literatura caribenha.

Considerada como marginal e minoritária, por muitos anos, estes escritos passaram por uma fase de desconhecimento. Porém, aos poucos, adquire visibilidade à sua abordagem de cunho político e protesto social, as quais possibilitam veicular discussões em torno da representatividade da mulher negra na conjuntura social e política. Neste caminho, a

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras pela URI – Campus de Frederico Westphalen, professora de Língua Portuguesa e Metodologia Científica junto às Faculdades Borges de Mendonça, bem como professora de Redação junto ao COC, ambas as instituições em Florianópolis, SC. E-mail: [su09zannon@yahoo.com.br](mailto:su09zannon@yahoo.com.br).

colonização e a diáspora têm deixado seus ranços nas comunidades de nativos do Caribe, de forma a aleijar a alma e a dignidade destes indivíduos frente à sua terra mãe.

Os sinais sob os quais nos detemos, aqui, não se devem apenas aos conflitos bélicos decorrentes da era colonial, mas das situações difíceis e subumanas que provocaram o deslocamento de comunidades negras, para países estrangeiros, na busca de um novo lar em prol de um recomeço. Porém, um recomeçar representou na vida das mulheres negras, principalmente, uma dificuldade frente a um solo que não lhe é de origem, solo em que o racismo, discriminação devido à cor, classe e gênero não parecia ser nada raro.

Sob esse aspecto, podemos dizer que os romances oriundos de escritoras negras do Caribe contribuem para a compreensão da condição da mulher negra no contexto servil e escravocrata predominante na fase colonial. Em *Black british criticism* (2000), a estudiosa Bárbara Christian embasa sua teoria com vistas ao trajeto percorrido pelas mulheres negras desde as vésperas da colonização dos países de origem africana até o mundo pós-colonial. Neste caso, a escritora fundamenta sua linha de pensamento através da saga da comunidade negra transpostas para romances de escritoras desta origem tal como Toni Morrison, Joan Riley, Paul Marshal, dentre outras romancistas contemporâneas.

Tendo em vista esta abordagem, Christian sugere que as mulheres negras por serem submetidas ao sexo, ao trabalho árduo e escravo são tidas como vítimas de uma era de abusos e servidão que estigmatizou a era colonial. Todavia, são também agentes que protagonizam uma história que nos causa dissabor pela sua condição, pois mesmo condicionadas em universo hostil, essas mulheres foram mães, esposas e mulheres que lutaram por sua sobrevivência e dignidade diante situações insatisfatórias. Assim sendo, Christian verbaliza: “A mulher Africana não é meramente uma vítima, ela também uma agente, não somente no período pré-colonial, mas também no mundo colonial e pós-colonial.”(CHRISTIAN, 1943, p. 147).<sup>2</sup>

Nota-se aqui, um contexto temporal no que tange o colonialismo. No entanto, isso se estende em uma instância tanto de tempo quanto de causa, ou seja, esse acontecimento que atingiu a vida das mulheres nos três períodos, efetivamente. Tomemos conhecimento, portanto, que o colonialismo foi um evento que não compreendeu somente o universo masculino em sua totalidade, tampouco a industrialização, que alcançou um patamar

---

<sup>2</sup> The African woman is not merely a victim; she is also an actor, not only in the precolonial period, but also in the colonial and postcolonial world.” (CHRISTIAN, 1943, p. 147).  
*Revista Literatura em Debate*, v. 6, n. 10, p. 68-87, ago. 2012. Recebido em: 07 fev. 2012. Aceito em: 18 jul. 2012.

caracterizado pela transformação em torno do mundo econômico, político e social. De fato, segundo Christian,

É inegável dizer que o colonialismo aconteceu não somente para os homens, mas também às mulheres, que a industrialização está ocorrendo não somente para os homens mas às mulheres. Esta é uma tentativa de colocar no mundo mulheres que não mais existem na mente de alguns oficiais e intelectuais. Sem acesso as formas políticas de sua sociedade, elas se tornam neutras, figuras mudas marcadas no jornal de alguém. (CHRISTIAN, 1943, p. 148).<sup>3</sup>

Essa contradição que a estudiosa nos aclara requer uma contextualização homogênea para que o pensamento de que as mulheres negras tiveram uma representatividade neutra, nas mudanças que envolveram o contexto mundial, seja estagnado.

À luz dessas considerações, a literatura migrante adquiriu seu espaço através dos manuscritos de ex-escravos que, no intuito de manifestar sua relutância, como uma denúncia, redigiram textos que passaram a abordar o passado servil e escravocrata vivenciado pelas comunidades negras oriundas de países africanos.

Esta escrita, no entanto, sugere uma forma de libertação de um passado materializado por personagens em situações extremas de abuso sexual, racismo e de trabalho árduo. As palavras de Gate podem cristalizar esta afirmação:

A escrita, assim, registraria as vozes de um povo sem voz, e é sintomático que cinco das primeiras narrativas de escravos devessem explorar a figura da voz no texto – o livro falante – enquanto “‘cenas de instrução’ cruciais no desenvolvimento do escravo a caminho da liberdade” (GATES, 1986, *apud*, GIRAUDO, 1997, p. 43).

Passando de escritos do passado, imersos no contexto ficcional, faz-se importante salientar que a migração desempenhou um papel de fuga e não apenas de mudança. Aportando em Tilbury em 1948, a *Geração Windrush*, assim chamado o navio responsável por transportar 400 passageiros negros da Jamaica com destino ao Reino Unido, designou um dos fundamentos para a abordagem do contexto migratório e diaspórico. Além disso, essa migração figurou uma situação de desengano frente a terras estrangeiras. Esta concepção nos recorda as palavras de Denise Almeida Silva sobre o assunto:

---

<sup>3</sup> It is a denial that colonialism happened not only to man, but also to women, that industrialization is occurring not only for men but for women. It is an attempt to put women in a world that no longer exists in the head of some officials or intellectuals. Without access to the political forms of their society, they do become neuters, voiceless figures on somebody's tally sheet (CHRISTIAN, 1943, p. 148). *Revista Literatura em Debate*, v. 6, n. 10, p. 68-87, ago. 2012. Recebido em: 07 fev. 2012. Aceito em: 18 jul. 2012.

A diferença entre a pátria imaginada e a maneira como esta se apresenta na realidade é um motivo comum na literatura de migração. Tendo herdado a língua, modelo educacional e estrutura administrativa da pátria-mãe, o migrante chega à metrópole presumindo conhecê-la tão bem quanto os cidadãos lá nascidos, uma presunção que se desfaz frente à realidade que passa a conhecer (SILVA, 2008, p. 41).

Nos estudos sobre as relações sociais entre Grã Bretanha e Jamaica, o estudioso Stuart Hall afirma que “[...] a migração e os deslocamentos dos povos tem constituído mais a regra que a exceção, produzindo sociedades étnicas ou culturalmente “mistas”.” (HALL, 2003, p. 53). De fato, a diáspora africana tem se firmado sobre esta regra, o que resultou na mestiçagem e comunidades heterogêneas tanto em cultura quanto em raça.

Os procedimentos literários que se fazem presentes nos textos ficcionais afro-americanos se valem da memória. Com a intencionalidade de trazer o passado à tona, a memória é constituída de uma natureza ambivalente, ou seja, ao mesmo tempo em que é capaz de evocar um passado aos moldes do dissabor de sua condição, também faz regressar a existência humana desenhada por sua beleza.

A memória de um indivíduo ou de uma comunidade concentra em seu âmago toda uma conjuntura formativa, que vai desde o estado mental do ser humano à esfera social e política, no qual este se ambienta. Afora isso, também as experiências de um povo podem ser presentificadas através da memória. Nesse último contexto, ao reviver o conjunto de experiências de um grupo social, de uma comunidade, promovem o fomento da cultura e tradição, as quais não devem ser esquecidas, mas permanecer vivas na existência daqueles que são frutos das gerações anteriores. Na conjuntura da ficção afro-americana, sublinhamos as palavras do estudioso José Eduardo Fernandes Giraudó, sobre:

O uso da memória na ficção afro-americana contemporânea objetiva transmitir os vários aspectos da experiência histórica afro-americana às gerações presentes e futuras de afro-americanos, bem como aos membros das outras etnias nos Estados Unidos. Trata-se de um trabalho de resgate que mergulha fundo na busca de uma tradição oral e escrita iniciada com a ‘chegada’ dos primeiros escravos africanos ao continente americano. Trata-se de manter viva uma tradição oral, vernácula, bem como de reapropriar e revisar/revisitar uma tradição literária iniciada com as narrativas de ex-escravos do século 19[...] (GIRAUDO, 1997, p. 35).

Para tanto, em sua tarefa recuperativa, a memória revisita o passado, reconstruindo-o e resgatando o legado cultural, as tradições e experiências de uma comunidade. Da tradição, passada e cultura para o papel; é assim, que podemos denominar a amálgama entre a memória e o processo de criação artística como o fomento da ficção literária.

*Revista Literatura em Debate*, v. 6, n. 10, p. 68-87, ago. 2012. Recebido em: 07 fev. 2012. Aceito em: 18 jul. 2012.

Surgidas através da memória e ‘instaladas’ no texto das narrativas oriundas de escritoras caribenhas, essas recordações instauram um universo em que ao mesmo tempo o espaço memorialístico juntamente ao fingimento (do personagem) formam o contorno e substrato do texto literário pela evocação de experiências vividas pelo próprio autor, recriadas no texto, ou pela criação ou “fingimento” configurado pelo imaginário com base em tal substrato.

Em *Amada (Beloved, 1987)*, Toni Morrison reconstrói, por meio da memória dos personagens, um passado de escravidão impossível de ser esquecido. Sob tal viés, o romance desnuda uma história silenciada por muitas mulheres que tiveram um passado submerso na escravidão e subserviência, tanto pelos mandos de seus senhores quanto pela subordinação aos seus maridos. Contudo, na representação de Morrison, os escravos não se apresentam somente como vítimas da história, mas também com agentes de uma história a qual não deve ser esquecida, e sim, passada adiante.

A narrativa literária *Amada* é dissecada em um ambiente em que os personagens ao invés de esquecer o passado de opressão, devido ao legado de escravidão, não conseguem, o rememoram a todo o momento, diante a uma memória recalcada e traumática. Para a representação deste bojo contextual, se encontram os personagens Sethe – ex-escrava – Denver, sua filha de dezoito anos e Paul D, namorado de Sethe.

Nesta conjuntura temática, a filha mais velha retorna como um fantasma na vida da mãe, Sethe, pois, na verdade, quem a teria matado fora a própria mãe em prol de sua própria segurança, de um “não querer” que a filha presenciase as circunstâncias na qual a mãe, por força do destino, estava submersa. No entanto, o fantasma acaba por se tornar metáfora do passado impossível de ser esquecido.

O fantasma retorna materializado pela pensionista Amada, o que não permite que Sethe olvide-se de seu ato feito no passado. Neste sentido, Giraudo postula seu pensamento: “A lembrança deste ato a persegue, e é por isso que, nas palavras de Paul D, “o passado em sua casa não incomodava, pela mesma razão por que uma bruxa pensionista era bem vinda.” (MORRISON *apud* GIRAUDO, 1997, p. 88).

Ainda, neste ensejo, Denver não raro expressa seu julgo a respeito:

Denver vê nela, como via no fantasma, a irmã querida cujo sangue engoliu uma vez com o leite da mãe; ela tem de protegê-la de Paul D, que quer Sethe apenas para si, e que, portanto quer livrar-se de Amada. Paul D, por seu turno, desconfia de Amada desde o início; temeroso do fascínio que ela exerce sobre Sethe, ele tem de resistir ele próprio à quieta sedução de Amada; depois de fazer sexo com ela, e depois de

saber que Sethe matou sua filha, ele se dá conta das intenções de Amada; ele então vai embora dali (MORRISON, 1997, p. 89).

Ao fim do romance *Beloved*, Toni Morrison manifesta em seu texto literário um paralelismo no que tange à instância temporal do esquecimento e, assim, faz-se presente uma aparente mescla entre o passado, presente e futuro. Nas palavras do personagem Paul D. : ““Sethe”, diz ele, “eu e você, nós temos mais passado que qualquer um. Precisamos de algum tipo de amanhã” (MORRISON, 2007, p. 360). O termo “precisamos de algum tipo de amanhã” já se torna convidativo a perceber há um passado sim, mas que um futuro transformado, ademais, deve ser construído. Neste encadeamento de ideias, nas palavras da autora:

Não era uma história para passar a diante.  
Esqueceram dela como de um pesadelo. Depois de inventarem suas histórias, de modelarem e decorarem suas histórias [...] a esqueceram.  
[...]Não era uma história para passar a diante.  
Então a esqueceram. Como um sonho desagradável durante um sono agitado.[...]  
Esta não é uma história para passar adiante.  
Lá no ribeirão nos fundos do 124, as pegadas dela vem e vão, vem e vão [...] (MORRISON, 2007, p. 362-363).

Há, no entanto a verbalização, por três vezes repetida, da passagem da história a diante. Na primeira instância, Morrison enfatiza o esquecimento de um passado negativo, que não merece ser lembrado: “Esqueceram dela como de um pesadelo”. Em seguida, ameniza o passado, comparando-o a um sonho desagradável: “Então a esqueceram, como um sonho desagradável”, e, por fim, a autora enaltece através do verbo *é* presente em: “Esta não é uma história a ser passada a diante” e ao mesmo tempo dos termos “vem” e “vão”, uma história que deixou marcas tanto no passado, presente e, provavelmente, as deixará no futuro. Então, ironicamente, será, indubitavelmente, passada a diante.

Comentando esse episódio, Giraudo assim se expressa:

O passado havendo sido conjurado, restam um presente a ser vivido e um futuro a ser constituído. “Não era uma estória para se passar adiante”, Morrison escreve, e então por duas vezes o repete, a segunda com uma variação: “Esta não é uma estória para se passar a diante” (p.336-337) (GIRAUDO, 1997, p. 103).

Reside no romance uma ambigüidade na expressão “não ser passado adiante”. Inicialmente, o verbo *é* conjugado no passado e, posteriormente no tempo presente: “era” e

“é”. Essa disjunção sublinha uma ideia de uma história que existiu, que existe e, que pode vir a existir, tornando-se visível o diálogo entre o passado, presente e um possível futuro.

Do ponto de vista interpretativo, torna-se perceptível a ironia de Morrison através da variante temporal. Nas palavras de Giraud: “O que Toni Morrison nos diz, conquanto, obliquamente, é que esta é uma história para se passar adiante – e isto é precisamente o que ela faz em sua ficção.”(GIRAUDO, 1997, p. 103).

Tal como o romance de Morrison, *Beloved*, a narrativa de Joan Riley, *Waiting in the Twilight*, evoca a memória de algo que não deve ser esquecido, já não mais o passado de uma escravidão formal, mas a escravidão virtual da mulher negra, pobre, estrangeira e subempregada na metrópole inglesa. Como em *Beloved*, há a sugestão de que essa experiência compartilha aspectos do passado, presente e, provavelmente, do futuro, conforme comentou Christian, anteriormente, ao dizer que a mulher Africana não é somente vítima, mas, acima de tudo, agente. A variação temporal acrescida dos três períodos mencionados por Christian – pré-colonialismo, colonialismo e pós-colonialismo – gera a ideia de paralelismo, no que tange tanto ao enredo quanto ao pano de fundo utilizado nas duas narrativas. Embora a experiência masculina tenha sido explorada por uma primeira geração de autores caribenhos, como Christian ressaltou, homens e mulheres têm compartilhado experiências similares e, portanto, a experiência dos dois gêneros merece ser lembrada.

Tanto *Beloved* quanto *Waiting in the Twilight* falam da bravura de suas protagonistas, que não se configuram apenas como vítimas, mas como agentes de sua história. Tais narrativas, não merecem ser encobertas, mas sim, passadas a diante.

Joan Riley, escritora negra britânica nascida na Jamaica em 1958, escreveu narrativas centradas nos efeitos causados pela colonização e escravismo. É autora de quatro romances, *The unbelonging* (1985), *Romance* (1988) e *Waiting in the Twilight* (1987) e *A kindness to the children* (1992).

*Waiting in the Twilight* é o objeto de pesquisa neste artigo. O romance engendra um universo de expectativas da protagonista, Adella, mulher negra de origem jamaicana, diante da busca de oportunidades e melhores condições na Grã Bretanha. Essas expectativas são frustradas frente aos preconceitos que enfrenta por ser negra, pobre e mulher. Em nota introdutória à narrativa, Riley ressalta:

Este livro foi escrito para celebrar a coragem e a lealdade de uma mulher e de toda uma geração de mulheres, que tomaram o navio e viajaram para o desconhecido para construir uma vida melhor para seus filhos.” E com o intuito de registrar ao menos

uma pequena parte do verdadeiro registro no que concerne à mulher das Índias Ocidentais na Grã-Bretanha. Para mostrar que o tremendo ato de Bravura em deixar seu país de origem e adentrar em uma sociedade de valores alheios não será esquecido.<sup>4</sup>

Concomitante a essa ideia, é importante salientar o pensamento de Chris Sale expresso na capa do livro, que parece atrair a tomar a narrativa como um convite a uma interpretação e lição de vida: “Chore se você precisar, então pense no que você tem lido e então cresça.”<sup>5</sup>

Em idade já avançada, Adella Johnson conta a sua história através de suas recordações. Sua vida gira em torno da espera por seu ex-marido, Stanton, e as lembranças de sua trajetória desde que conhecera Beresford, pai de seus dois primeiros filhos. A protagonista migra na expectativa de uma vida digna, oportunidades e escape dos abusos sofridos por Beresford, homem que acabada por desencadear os primórdios do sofrimento de Adella através da traição, abuso e sujeição da heroína.

O passado da protagonista é revelado através da memória. A frustração de Adella, frente à Inglaterra, que espera ser sua terra-mãe, é evidente no romance de Riley. *Waiting in the Twilight* mostra as expectativas de uma vida melhor, em um universo novo, diferente, o qual pudesse lhe proporcionar uma vida decente e de fartura. O romance passa a desvelar assim, a desilusão diante a terra sonhada:

Às vezes ela pensaria amargamente do sol quente do Caribe, ônibus indo à praia e o dinheiro que ela tinha ganho em Kingston. Pensar que ela tinha deixado tudo, por isto. Toda sua juventude gasta se esforçando para criar seus filhos, toda sua velhice sem respeito. Eles tinham prometido a ela uma terra onde as ruas fossem calçadas de ouro; a pátria onde você poderia conseguir tudo. (RILEY, 1987, p. 03).<sup>6</sup>

Pode-se mencionar a idealização da Inglaterra na imaginação de Adella como lar promissor, o que resulta em uma contradição, ou seja, o comportamento dos ingleses era totalmente o contrário do que era esperado pela protagonista. A Inglaterra não lhe representava um lar como no Caribe, onde as tradições eram cultivadas, o respeito e apreço às pessoas mais velhas era uma das essências da convivência familiar e comunitária.

---

<sup>4</sup> This book was written to celebrate the courage and loyalty of one woman and whole generation of woman, who took ship and sailed into the unknown to build a better future for their children. And for the sake of putting at least a small part of the record straight where the West Indian in Britain in concerned, To show that tremendous act of Bravery in leaving their home countries and stepping into a society of alien values will not readily be forgotten.

<sup>5</sup> Cry if you must, then think in what you have read and then rise.

<sup>6</sup> Sometimes she would think bitterly of warm Caribbean sun, bus rides to the beach and the money she had earned in Kingston. To think she had left all for this. All her young life spent struggling to raise her children, all her old without respect. They had promised her a land paved with gold; the Motherland where you could get everything (RILEY, 1987, p .03).

*Revista Literatura em Debate*, v. 6, n. 10, p. 68-87, ago. 2012. Recebido em: 07 fev. 2012. Aceito em: 18 jul. 2012.



Conhecido por ser um país onde as pessoas comportam gentilezas e polidez no âmbito social, instaura-se na narrativa a incoerente visão em relação à concepção destas maneiras educadas no país inglês. A Jamaica acaba por tornar-se um lar bem mais civilizado, onde as pessoas, principalmente as mais idosas, desfrutam do respeito e admiração em sua comunidade. Para tanto, as pessoas brancas e inglesas, eram, sem sombra de dúvidas, muito diferentes às expectativas de Adella. No escritório no qual a heroína trabalhava, o instinto de comando e severidade se desnuda, comportando, ainda, a distinção dos dois países mencionados, ou seja, o quão diferente era a Inglaterra:

“Johnson!”

A insolência corria direto à ela e ela prendia a atenção ao chão firmemente com suas mão sensível, segurando a raiva que ainda borbulhava depois de tantos anos. “Erguer-te-ás ante às cãs” ela murmurava sob sua respiração, ‘Não imagino que vocês tratem pessoas velhas assim, tão mal.’

‘Sim, senhora...’ ela disse em voz alta, inclinando-se para ver a jovem garota branca, não mais do que dezessete anos. Seus pés tinham deixado rastros de barro, a boca de Adella se afinava. Este tinha sido o menos trabalhoso do que os seis meses e já tinha aprendido como tratar o pessoal da limpeza. Adella queria perguntar se isto era como ela era em casa; reprimindo com as palavras. É claro, isto era como eles todos se comportavam: Todo mundo sabia como eram as pessoas brancas.

[...] Quão diferente era a Inglaterra. Ela poderia lembrar quando era uma jovem menina, indo para Kingston. Você sempre tinha de respeitar as pessoas mais velhas.] (RILEY, 1987, p. 02-03).<sup>7</sup>

Em contraste com o desprezo e desilusão experimentado pela protagonista mesmo dentro do seio familiar, o texto de Riley ressalta o respeito dedicado aos ancestrais por parte de indivíduos nativos da Jamaica, neste caso a mãe/avó, antepassados que eram tidos como exemplo de dignidade e honra. Esse respeito à figura materna por parte de afro-descendentes não surpreende, já que “do ponto de vista africano que toda mãe é o símbolo de uma maravilhosa criatividade da terra. A mãe é uma importante figura na mitologia da África.” (CHRISTIAN, 1943, p. 05).<sup>8</sup>

Os dezoito capítulos do romance são imbuídos em um limiar narrativo que se dá no tempo presente de Adella. Assim sendo, instaura-se no romance a amálgama entre os tempos

<sup>7</sup> ‘Johnson!’The insolence ran through her and she gripped the mop tighter with her feeling hand, forcing back anger that still bubbled up after so many years. ‘Thou shalt rise up before the hoary head,’ she muttered under her breath, ‘No wonda yu treat you old people dem so bad.’ ‘Yes, mam...’ she said aloud, turning to see a young white girl, not more than seventeen years old. Her feet had left a fresh trail of mud, and Adella’s mouth thinned. This one had been working less than six months and already she had learnt how to treat the cleaning staff. Adella wanted to ask if this was how she was at home; bit back the words. Of course, this was how they all behaved: everybody knew what white people were like. [...] How different England was. She could remember being a young girl, going to Kingston. Always you had to respect the older heads (RILEY, 1987, p. 02-03).

<sup>8</sup> [...] from the African view that every mother is a symbol of the marvelous creativity of the earth. Mammy is an important figure in the mythology of Africa (CHRISTIAN, 1943, p. 05).

*Revista Literatura em Debate*, v. 6, n. 10, p. 68-87, ago. 2012. Recebido em: 07 fev. 2012. Aceito em: 18 jul. 2012.

passado e o presente: “Suas memórias flutuavam, mudavam e viajavam de um ano para outro, um problema ao outro, declaravam sumariamente em um trabalho nunca terminado, dívidas, incontáveis insultos.” (RILEY, 1987, p.07)<sup>9</sup> Alterna-se, assim, a narrativa do presente, e memórias do passado, ora com Stanton, outrora com Beresford.

A desestrutura familiar é evidente no romance, e a dispersão que dela se origina. Dos seis filhos, Danny e Mikey, filhos de Beresford; Delores nascera na Jamaica, e havia ainda Eena, Audrey e Carol, esta última a sua filha preferida. Sob a representatividade destes personagens, Riley personifica um espaço carente de estabilidade, o que desenha o desequilíbrio presente em seu universo existencial.

A vergonha que sentia a respeito da causa de sua migração a impedia de contar à filha preferida sobre sua terra natal: “Ela pensava se deveria contar a ela sobre a Jamaica, por que ela jamais poderia voltar lá para viver.[...] Como ela contaria seu segredo à sua filha? Ela nunca entenderia.”(RILEY, 1987, p.10).<sup>10</sup>

Riley, não raro, explora a condição humana da mulher caribenha tanto no âmbito migratório quanto em suas consequências, como o racismo enfrentado. Essas dificuldades frustram as expectativas mencionadas, acentuando o sentimento de fragilidade experimentado pela protagonista. Segundo Christian, “as mulheres negras, é claro, tinham de fazer aquela migração à cidade buscando uma nova vida e descobriam que a essência continuava a mesma, embora o adorno parecesse diferente.” (CHRISTIAN, 1943, p. 08)<sup>11</sup>

Dividida entre a terra natal, Beamont, que retorna por meio das lembranças, e de outro, a Inglaterra, país no qual procura se adaptar, a protagonista parece experimentar uma vida que não é ‘inteira’, fragmentada, de falta e privação, enquanto migrante em um país estrangeiro. Desilude-se, pois, com sua condição:

Na cama, as memórias permaneciam. Stanton, a casa, as crianças, todas as preocupações na Inglaterra.[...] as imagens voltavam, Danny, deixada na Jamaica, a casa que tinham lhe tirado. Ninguém sabia o que aquilo tinha lhe causado. Tinham lhe arrancado o coração, quando lhe tiraram a casa. (RILEY, 1987, p. 13).<sup>12</sup>

---

<sup>9</sup> Her mind driftet, shifted and skirted from one year to another, touched briefly on never-ending work, bills, countless, insults (RILEY, 1987, p. 07).

<sup>10</sup> She wondered if she should tell her about Jamaica, why she could never go back there to live.[...] How could she tell her secret to this child? She could never understand (RILEY, 1987, p.10).

<sup>11</sup> Black women, of course, had made that migration to the city looking for a new life and found that the substance remained the same, though the apparel looked different (CHRISTIAN, 1943, p. 08).

<sup>12</sup> In bed, the memories remained. Stanton, the house, the children, all the worries in England.[...] the images cam back, Danny, left in Jamaica, the house they had had taken from her. Nobody knew what that had done. They had pulled the heart out of her when they took her house (RILEY, 1987, p. 13).

Ao conhecer Stanton, seu segundo relacionamento, o texto delinea as matizes do universo servil e hostil de Adella, o qual é prolongado até o fim de sua vida.

Stanton é extremamente violento e negligente. Entretanto, a protagonista, ainda em seu estado de dependência, nutre um amor que irrompe com as barreiras do que pode ser chamado de racional, ou seja, suporta as humilhações e maus tratos do marido no intuito de resistir e (re)construir uma vida estruturada. “Ela poderia nunca ter feito aquela viagem para a Inglaterra, deixando tudo o que ela conhecia; todas as pessoas que amava. Mas mais do que tudo ela amava Stanton, acreditava nele.” (RILEY, 1987, p. 28).<sup>13</sup>

A partir disso, Riley enaltece a condição enquanto esposa subordinada, neste caso principalmente pelo afeto nutrido pelo marido e, conseqüentemente o ofício que lhe é atribuído, como mãe responsável pelo sustento dos filhos e da casa. A imprudência de Stanton é desvelada desde o início, a partir do momento em que Adella reconstrói suas lembranças:

Lá estava Stanton, não lhe dando mais dinheiro com a casa grande e o novo filho chegando, não sabendo como as dívidas no banco seriam pagas. Ele ainda gastava o seu dinheiro em roupas e festas de *blue* todo o fim de semana. Ele ainda saía para a casa de bebidas com seus amigos à noite. Porém, ele sempre estava lá a criticar, a culpando pelas coisas andarem errado, exigindo que ela tivesse um filho. (RILEY, 1987, p. 30).<sup>14</sup>

A estranheza das dores que passa a sentir, tanto pode denotar o sentimento doloroso de insatisfação, solidão e tristeza, como também a dor da culpa pela gravidez prematura, motivo pela qual tem de migrar à terra Inglesa. Reside, nesta tessitura, a progressividade da doença de Adella. Pode ser relacionada a isso a sua deficiência, a debilidade física causada pelo derrame cerebral que paralisa uma parte de seu corpo, o que acentua seu sentimento de incompletude, de uma vida fora de sua ordem habitual:

Ainda que ele rejeitasse saber disso, sabia que era verdade. Sensibilidade tinha começado a voltar apenas em um lado de seu corpo. O outro lado estava obstinadamente irresponsável. Enquanto sua mente falava claramente, as palavras surgiam atrapalhadas e desordenadas em sua boca. (RILEY, 1987, p. 52).<sup>15</sup>

---

<sup>13</sup> She would never have made the trip to England, left everything she knew; all the people she loved. But more than all she loved Stanton, believed in him (RILEY, 1987, p. 28).

<sup>14</sup> There was Stanton giving her no more money with the big house and new baby coming, not caring how the bank loan was paid back. He still spent his money on clothes and blue parties every weekend. He still went down to the drinking house with his friends in the evenings. Yet always he was there to criticize, blame her for things going wrong, demand that she produce a son. (RILEY, 1987, p. 30).

<sup>15</sup> Yet even as she rejected it she knew that it was true. Feeling had started to return only to one side of her body. The other side was stubbornly unresponsive. While her mind spoke clearly, the words came out slurred and jumbled from her mouth (RILEY, 1987, p. 52).

A fragilidade física e mental salienta a desestrutura, uma inconformidade de sua condição. A ênfase adquirida ao golpe conjuga a complexidade degenerativa de sua vida, saber que um golpe machuca e mutila gera a ideia de que Adella já havia experienciado um abalo profundo.

Mais do que centrar-se apenas em Adella, o texto permite entrever o preconceito existente para com os estrangeiros em geral. A personagem relata sua percepção sobre o modo como os negros imigrantes e os trabalhadores sujeitos a serviços gerais eram tratados, e sua reação a isso: “Adella se ressentia com a maneira como eles tratavam a enfermeira negra e o pessoal da limpeza. Eles faziam com que eles corresse de um lado para outro, e estavam sempre prontos a xingamentos e insultos. (RILEY, 1987, p.54)<sup>16</sup>

Com efeito, pode-se dizer que a representação da personagem Adella como vítima se dá na medida em que, na decadência, espera pelo marido que não lhe tem respeito, ainda que fosse a mãe de seus quatro filhos. Isso pode ser considerado o âmago do sofrimento da protagonista, o qual se soma ao racismo e humilhação enfrentados diante uma sociedade discriminatória, como a europeia.

Por outro lado, Adella é também agente. Migrar para a Inglaterra, tendo de se tornar independente pela força das circunstâncias e suportando incondicionalmente o racismo são fatores que reforçam esta afirmação. Além disso, almejar o respeito pela parte de sua família e da sociedade não se faziam isentos neste percurso.

Se Adella pode ser concebida como agente de sua história, é também uma heroína. Segundo as concepções de Walter Benjamin a respeito do herói,

O herói é o verdadeiro objeto da modernidade. Isso significa que, para viver a modernidade é preciso uma constituição heróica. [...] Aquilo que o trabalhador assalariado executa no labor diário não é nada a menos do que o que, na antiguidade, trazia glória e aplauso ao gladiador. (BENJAMIN, 1989, p. 73-74)

Neste sentido, o herói, na perspectiva moderna, incorpora traços peculiares do sujeito ‘comum’, do indivíduo que não aspira à heroicidade, a glória, mas sim, luta pela sua sobrevivência e melhoria de sua própria condição dentro da sociedade a qual está inserido. Por isso, Adella agrega traços que a tornam heroína, pois ao mesmo tempo em que é mãe, mulher e negra, luta por uma vida digna para seus filhos e para ela mesma, enfrentando o

---

<sup>16</sup> Adella resented the way they treated the black nurse and the cleaning staff. They had them running around, and were always ready with name calling and abuse. (RILEY, 1987, p. 54). *Revista Literatura em Debate*, v. 6, n. 10, p. 68-87, ago. 2012. Recebido em: 07 fev. 2012. Aceito em: 18 jul. 2012.

racismo, abandono e discriminação em uma sociedade alheia a suas expectativas, porém, sempre nutrindo a esperança da conquista de sua dignidade como pessoa humana.

Por *Out of the Kumbla* (1990), Elaine Savory Fido permite que seu estudo recaia sobre o entendimento da caracterização da mulher negra enquanto criadora de sua obra Literária e, ao mesmo tempo, enquanto mulher que experimentou a rudez do trabalho e as suas múltiplas experiências no universo caribenho. As experiências sofridas por essas mulheres não se referem a um indicativo único, mas de experiências multifacetadas, de uma condição engajada em sofrimento, repressão e escravidão. Contudo, essas mulheres não congregam apenas este conjunto de mote subserviente, mas de coragem que delinea o instinto a bravura dessas mulheres frente a condição despótica. Assim sendo, Fido expressa seu pensamento a respeito :

A percepção da literatura ou das escritoras do Caribe como sendo capazes de serem confinadas a grandes simplicidades de raça, nacionalidade, cor, classe ou gênero é simplesmente um imenso mal entendido. É claro que nós precisamos destas categorias para caracterizar escritores em uma forma de serena rudez pela primeira experiência de seu trabalho. Mas muito em breve, nos temos de entender que as escritoras caribenhas são quase inevitavelmente pessoas de experiência multifacetada. (FIDO, 1990, p. 30).<sup>17</sup>

De fato, a literatura abrange um todo existencial no qual as mulheres negras são agentes, mães, esposas e/ou escravas que, como atuantes, fazem parte da história de sua sociedade. As experiências multifacetadas, aclaradas por Fido, cristalizam o pano de fundo narrativo, a qual compreende também um cenário racista. Sob tal viés, o racismo enfrentado por Adella na Inglaterra é inegável. Um exemplo típico é o episódio em que a polícia insiste em que malfeitores só podem ser negros, apesar do testemunho de Miss Johnson de que se tratava de elementos brancos:

“Roubada, sem dúvida”, o jovem policial disse desdenhosamente. “Eu suponho que esses homens que atacaram você eram negros,” ele continuou escrevendo rápido em seu pequeno bloquinho.  
 “Eles eram meninos brancos, homem, “ela disse firmemente”. Os meninos negros não fazem coisas como essas – e eles sabem que as pessoas daqui não têm grana.  
 “Como você sabe que eles eram brancos?” O jovem homem perguntou friamente.”Você disse que eles atiraram um casaco sobre a sua cabeça”  
 “Eu vi quando eles vinham vindo antes disso. Não tem nada errado com a minha visão. [...].

---

<sup>17</sup> The perception of literature or of writers from the Caribbean as being able to be confined to large simplicities of race, nationality, color, class or gender is simply a very misguided one. Of course we need some of these categories to sort writers in a fairly crude way for first experience of their work. But very soon, we have to realize that the Caribbean writer is almost inevitably a person of multi-faceted experience (FIDO, 1990, p. 30). *Revista Literatura em Debate*, v. 6, n. 10, p. 68-87, ago. 2012. Recebido em: 07 fev. 2012. Aceito em: 18 jul. 2012.

O homem [...] murmurou um pretexto. “O negócio é”, ele disse, “Nós temos razões para acreditar que há um grupo de assaltantes negros operando nesta área e nós imaginamos que talvez sua mãe pudesse estar errada e um deles tivesse pulado sobre ela.[...]”  
 “Se [mamãe] disse que eles eram brancos eles eram brancos. (RILEY, 1987, p. 78-79).<sup>18</sup>

A insistência de que o assalto tivesse sido supostamente executado por negros, segundo o policial, simboliza uma ideologia já preestabelecida pela hegemonia européia de que os negros pertencem a uma categoria inferior, sendo portanto, ‘naturalmente’, propensos à violência e agressão. Daí, a recusa á admissão de o assalto ser realizado por brancos.

O mau tratamento e discriminação recebido pelos imigrantes caribenhos por parte da comunidade inglesa é repetidamente manifestado no romance.

Grande parte dos serviços de limpeza no escritório onde a protagonista trabalhava eram imigrantes antilhanos. A protagonista acaba por conhecer Cheryl, vinda de Trinidad, país caribenho, personagem que sustenta uma coragem vivaz e, por sina, é manifesto no romance: “Adella gostou da mulher. O jeito de seu agradável e perturbado coração marrom estava sempre brando e calmo.” (RILEY, 1987, p. 95).<sup>19</sup>

Cheryl havia feito uma seleção para trabalhar como enfermeira em um hospital. Não conseguindo passar pelo treinamento, a personagem conta a Adella como eram tratados os imigrantes negros no hospital, comportamento que designa o desrespeito e discriminação para com os negros que lá trabalham ou que se encontram na condição de enfermidade. Segundo a personagem Cheryl verbaliza: “Eles tratam todos os antilhanos muito mal [...] Isso era exatamente o que Lisa dizia sobre o mau tratamento e o racismo.”(RILEY, 1987, p.95)<sup>20</sup>

Delimitarmos nosso olhar aos dois relacionamentos da protagonista, mal sucedidos por sinal, que desempenham papel fundamental da narrativa, pois ambos fundamentam a causa da decadência, solidão e exclusão de Adella pois a abandonam em circunstâncias extremas. Tanto Beresford como Stanton ostentam personalidades machistas e abusivas. Isto nos faz

<sup>18</sup> “Stolen, no doubt,” the younger policeman said contemptuously. “I suppose these blockers who attacked you were black,” he continued writing rapidly in his small notebook. “Dem was white bwoys, man, “she said firmly”. De black bwoy dem doan do tings like dat – [...]“How do you know they were white?” The younger man asked coldly.[...]“A did see dem come fore dat. Nuting to wrang wid me eyesight.”

The man[...]muttered an apology. “The thing is”, he said, “we have reason to believe that there is a group of black muggers operating in this area and we wandered if maybe your mother could be mistaken and one of them had jumped her.” [...]

“As mum said, there is not wrong with her eyes, if she said the muggers were white they were white”(RILEY, 1987, p. 78-79).

<sup>19</sup> Adella liked the woman. The way her pleasantly pump brown faze was always smooth and untroubled. (RILEY, 1987, p.95)

<sup>20</sup> [...] Deh treat all the west Indian nurse bad.[...]. It was exactly what Lisa had said about the bad treatment and the racism.(RILEY, 1987, p. 95).

lembrar das palavras de Christian quando fala na dupla colonização e exploração da mulher, ou seja, que o colonialismo e industrialização não estão inseridos no universo masculino, mas que, as mulheres também fazem parte e estão engajadas nestes contextos (CHRISTIAN, 1943, p. 148).

Primeiramente o relacionamento ‘clandestino’ com Beresford, caracterizado por machismo e servilismo, resulta na desesperança da protagonista frente à condição subordinada na qual se encontra. Neste caso, o servilismo compreende a submissão ao sexo, em troca da casa e de sustento do filho, fruto de um encontro fugaz com Beresford, sujeito que ostenta uma personalidade e conduta nada louvável, pois além de não assumir publicamente seu relacionamento e, posteriormente os filhos tidos com a protagonista, é desleal e, deste fenômeno, transparece o instinto impiedoso e pleno de interesses pessoais.

Ao Adella conhecer Beresford, ele ainda morava com a mãe. Protegido e usufruindo dos benefícios que sua esposa poderia lhe conceder, por vias de seu pai, o personagem se mostra machista, interesseiro e irresponsável. A gravidez de Adella acaba por ser considerada por ele como culpa sua: “[...]‘Você está grávida? Tem certeza?’ Ele disse severamente, os dedos cravando dentro de seus ombros. [...]’Ele a olhou com raiva, ‘Como você ficou grávida?’ Ele perguntou bravamente.”(RILEY, p.107)<sup>21</sup> Isso resulta na expulsão da casa dos tios, devido ao inesperado infortúnio que se instaura em sua vida, Adella se obrigada, por questão de sobrevivência, a se instalar em uma casa velha alugada por Beresford, ainda que ele não quisesse assumir sua responsabilidade de pai.

Embora a sujeição ao sexo fosse a forma de garantir a sua subsistência e a de Danny, Riley mostra no romance que a protagonista suporta esse servilismo além de suas condições, o que salienta a subserviência forçada contra o sentimento de querer recuperar sua dignidade, seu respeito, pois não tinha a intenção de se tornar uma mulher apenas para ser um instrumento de deleite masculino:

‘Quanto você paga pelo aluguel e pela cama?’ela perguntou furiosa.’ Me diga quanto me faz pagar a você. Você pensa que sou alguma mulher perdida que você pode apenas usar?

Ele pareceu surpreso.[...] ‘vamos lá, isto não é tão ruim. [...] agora você tem sua liberdade, e você tem a mim. (RILEY, 1987, p.113)<sup>22</sup>

<sup>21</sup> ‘Yu breeding? You sure?’ he asked sharply, fingers digging into her shoulder. He glared at her angrily. ‘How yu get pregnant?’ He asked sharply. (RILEY, 1987, p. 107).

<sup>22</sup> ‘Ow much you pay fa de rent and de bed?’ she asked angrily. ‘Tell me ow much mek me pay you. Yu think me is some loose woman yu can jus use?’ He looked taken aback. [...] ‘come on, it not so bad. [...] Now yu have yu freedom, an yu have me’ (RILEY, 1987, p. 113).

*Revista Literatura em Debate*, v. 6, n. 10, p. 68-87, ago. 2012. Recebido em: 07 fev. 2012. Aceito em: 18 jul. 2012.

Neste mesmo cenário frustração, vergonha e servilismo frente à condição indigna à Beresford, Adella alimenta a esperança de abandonar esta vida com, ou seja, fugir de Kingston para a Inglaterra poderia lhe proporcionar novas chances de uma existência digna e honesta, todavia, “Como poderia ela, Adella, voltar com um bebê, de mãos vazias com nenhum de seus sonhos cumpridos e nenhuma das coisas que ela tinha se vangloriado de conseguir na cidade?” (RILEY, 1987, p.117)<sup>23</sup>

O tempo de escravidão é rememorado neste contexto tanto pelo servilismo sexual até então mencionado, quanto pelo sentimento de fragilidade e dependência diante ao opressor, neste caso, Beresford, contribuindo para a necessidade de fuga. O que corrobora para a fragilidade e o sentimento de inferioridade é o cenário de interesses pessoais e influência no ambiente das pessoas brancas, ou seja, somente um indivíduo de pele clara poderia, na Inglaterra, dispor de benefícios na sociedade ou, apenas alguém que adentrasse nesse âmbito, através da influência das relações, poderia alcançar um lugar considerado digno nesta sociedade. O fato de Stanton relacionar-se com uma mulher branca, filha de um policial que desfruta de ‘boas’ influências em prol de seus interesses, cristaliza esta afirmação: “Ele não pensava que ela era decente, não pensava que era tão boa quanto sua esposa. [...] Ele disse a ela que sua esposa tinha pele clara. O pai dela tinha uma boa posição na polícia e só tinha conseguido o emprego para ele por causa dela”. (RILEY, 1987, p. 149)<sup>24</sup>

Vítima de uma história de agressão que se repetira na vida de suas filhas, Adella, depara-se com o sentimento de culpa, pela perda da respeitabilidade em sua comunidade caribenha, devido à gravidez prematura. Vê também duas de suas filhas se distanciarem, devido à gravidez precoce, da mesma maneira que acontecera com ela, aumentando o seu sentimento desta culpa: “Delores tinha sido a maior desonra. [...] Pobre Delores, tão sem sorte como sua mãe. De acordo com o que ela contou, tinha sido a primeira vez. Uma vez apenas e ela tinha ficado grávida.”(RILEY, p. 119-120).<sup>25</sup>

Ao exteriorizar a sua revolta e cólera diante o relacionamento de Gladys e Stanton, tentando fazer com que o marido expulse a prima de casa, Adella é surpreendida pelo incontrolável espancamento do marido:

<sup>23</sup> [...] How could she, Adella, go back with a baby, empty handed with none of the things she had boasted of getting in the town? (RILEY, 1987, p. 117).

<sup>24</sup> He did not think she was decent, did not think she was as good as his wife. He told her that his wife had light skin. Father had a good position in the police and had only got him the job because of her. (RILEY, 1987, p.149)

<sup>25</sup> Delores had been the greatest shame. [...] Poor Delores, with no more look than her mother. From what the girl had said it had been the first time. Once only and she had ben pregnant. (RILEY, 1987, p. 119, 120-121).  
*Revista Literatura em Debate*, v. 6, n. 10, p. 68-87, ago. 2012. Recebido em: 07 fev. 2012. Aceito em: 18 jul. 2012.



Seus dedos cravaram dentro de seus ombros, profundo e doloroso como ele a sacudia. Ela podia ver a vermelhidão ao redor das pupilas de seus olhos, sentindo o álcool que contava a ela que ele tinha estado bebendo.[...] ‘Você não pode prejudicar a vida de Gladys porque você é desprezível e ciumenta,’ ele disse. ‘Ela é apenas jovem e ela não tem outro lugar para ir.’ Ele bateu nela novamente, usando um pano primeiro, e ela se segurou como se a dor penetrasse dentro dela.[...] seu pescoço estava cheio de dores de chute como ela sentia dolorida contra a cama. O travesseiro sufocando o peso abaixo dela, e ela espancada em pânico, sua respiração baixa e silenciada em seus ouvidos.[...]

A pequena menina estava escondida pela porta, os olhos cheios de lágrimas como se ela visse seu pai batendo, arrastando suas roupas sem ao menos a comunicar. Ele agarrou seus sapatos e aproximou-se da porta, empurrando sua filha com sua raiva. [...] Adella a levantou em seu braço esquerdo, escondendo-lhe a cara espancada. ‘Está tudo bem’, ela disse. ‘Você teve um sonho ruim?’ (RILEY, 1987, p. 63,64-65).<sup>26</sup>

O consolo prestado à filha na situação em que sofre o espancamento do marido e o ‘fingir’ que não aconteceu nada, encobrindo sua penúria contribui ainda mais para que Adella mostre tanto compreensão e carinho por aquelas que sofrem, tal como ela mesma sofreu, como sua imensa fortaleza.

Contudo, o epílogo do romance resulta em três aspectos fundamentais: A negligência à doença de Adella pela parte dos médicos britânicos, o que conjura o desdém proferido aos imigrantes negros e que, Riley não se exime de indiciar: “Ela tem estado deitada aqui todo o dia, e eles não tinham nem se preocupado em vir dar a ela algo para ela se sentir melhor.” (RILEY, 1987, p. 164).<sup>27</sup>

Em outra instância, vemos a mensagem de esperança exemplificada pela fala de Adella, em estado semiconsciente, que encontra-se fundamentada no sonho de igualdade entre brancos e negros, longe da distinção de raça, cor, sexo ou classe social: ‘Eu estou vendo

---

<sup>26</sup> His fingers dug into her shoulder, deep and painful as he shook her. She could see the redness around the pupils of his eyes, smell the alcohol that told her he had been drinking.[...] ‘you not gwine spoil Gladys’ life because yu mean and jealous,’ he said. ‘She ongly young and she doan haffe nowhere else fe go.’[...] He hit her again, using a full first, and she braced herself as the pain seeped into her.[...] her neck was full of shooting pains as she fell sharply against the bed. The soft suffocating weight pressed down on her, and she thrashed about in panic, her breathing loud and muffled in her ears.[...]

The little girl was standing cowering by the door, eyes tearful as she watched her father crash about, dragging on his clothes without even acknowledging her. He grabbed his shoes and stalked out of the door, pushing past the child in his anger.

[...] Adella gathered her up absently her left arm, holding the shaking figure to her.

‘It is all right,’ she said. ‘Yu did have a bad dream?’ (RILEY, 1987, p. 63,64-65).

<sup>27</sup> :‘She is been lying here all day, and they haven’t even bothered to give her something to make her feel better’ (RILEY, 1987, p. 164).

*Revista Literatura em Debate*, v. 6, n. 10, p. 68-87, ago. 2012. Recebido em: 07 fev. 2012. Aceito em: 18 jul. 2012.

o preto e branco,' ela disse a ela mesma, piscando seus olhos novamente como a imagem se esvoaçava. (RILEY, 1987, p. 164).<sup>28</sup>

O alcance da 'glória' na hora da morte, do sentimento de uma missão cumprida, seu mérito de mulher respeitada, como suas antepassadas tinham sido e, intensamente desfruta o retorno de Stanton. Toda a espera, a solidão e a vergonha tinham se esvaído naquele momento. Finalmente encontrava-se reunida com os seus, e sentia que a amavam e respeitavam. Esta afirmativa pode ser comprovada pelo fato de, por duas vezes haver a repetição das palavras "Todos estavam lá", o que personifica o instinto comunitário caribenho que se revela desde então. Nesse sentido, a essência de sua vida é instituída pelo estado semiconsciente e, conforme seus ancestrais, desempenhou seu ofício:

(Ela queria dizer a eles que estava tudo bem agora, que ela não tinha se sentido melhor por um longo tempo. Todo mundo estava lá e não estavam a condenando. Eles sabiam que ela tinha feito o seu melhor.

Ela ouviu ele chamar por seu nome novamente. Delicadamente, de uma maneira secreta que era apenas entre os dois. Adella forçou suas pálpebras para o lado, sentindo-se apreensiva. Mas ele estava ali, enfraquecido agora, mais esmorecido. Todo mundo estava lá. Todos os filhos sorrindo para ela. Leais agora. Eles nunca a tinham culpado, lembravam dizendo a ela quão maravilhosa ela era, quanto ela tinha feito por eles.[...] Stanton tinha retornado, apenas da forma como ela gostaria que retornasse. Ele tinha voltado e ela se manteve leal; e agora ele sabia que ela tinha esperado. As imagens esvoaçavam, murchavam devagar como os seus olhos escureciam. Mas isso não importava agora, nada importava. Ela tinha cumprido sua promessa a ela mesma e ela sabia na sua essência que eles cuidariam dela como Mada Beck e Granny Dee.

'Todo aquele respeito'. Ela murmurou a ela mesma, e nesta hora seus olhos sorriram na medida em que se fechavam. (RILEY, 1987, p.165).<sup>29</sup>

Poderíamos pensar que a beleza da arte está em reproduzir e desenhar as coisas agradáveis e cativantes da vida. Que somente os sujeitos que tiveram sua existência

---

<sup>28</sup> 'A seeing the black and white,' she told herself, blinking her eyes again as the image wavered (RILEY, 1987, p. 164).

<sup>29</sup> She wanted to tell them that she was all right now, that she had not felt better in a long time. Everybody was there and they were not condemning her. They knew she had done her best.

She heard him call her name again. Softly, in the secret way that was just between the two of them. Adella forced her lids apart, feeling apprehensive. But he was there, fainter now, more faded. Everyone was there. All the children smiling at her. Loyal now. They have never blamed her, kept telling her how great she was, how much she did for them. Everyone was there, and it didn't matter that the doctor didn't come, and the bed they promised would be too late. Stanton had come back, just like she knew he would he would. He had come back and she had kept faith; and now he knew she had waited. The images flickered, faded slowly as her eyes dimmed. But it didn't matter now, nothing mattered. She had fulfilled her promise to herself and she knew in her bones that they would keep a Binkie for her like Mada Back and Granny Dee.

'All that respect,' she murmured to herself, and this time her eyes smiled as they closed (RILEY, 1987, p. 165).

emoldurada por conquistas, alegrias e satisfações são dignos de ter sua história passada a diante. *Waiting in the twilight* mostra, contudo, que há nobreza na reconstrução de vidas sofridas, que suportaram o peso de sua condição humana, por muitas vezes negada, que sofreram, riram e choraram, trabalharam e não tiveram sua recompensa. Sujeitos ambientados em universo hostil, machista, violento e majoritário, mas que suportaram a dor e deixaram com que sua fortaleza interna viesse à tona a despeito das adversidades, ou mesmo por causa delas.

Assim acontece com a vida da mulher negra. Joan Riley nos apresenta o universo de espera pela felicidade de uma mulher que suporta tudo. Esta pode não parecer, à primeira vista, uma história muito bonita, mas tem sua beleza pela intensidade com que apresenta a incomparável fortaleza de uma mulher, que representa tantas outras, sujeitas à mesma condição. Isso merece e é digno de ser passado adiante.

**ABSTRACT:** The present article has as objective analyzing the elements which designate to be the Joan Riley's novel, Caribbean Writer, *Waiting in the twilight*, as a history to be passed on. Putting in dialog with the novel *Beloved*, written by Tony Morrison, this narrative vehicle, through its background, a subservient, slaving and a discriminating set represented by the immigrant Adella, a black and poor woman from Caribbean. The black women from Caribbean, during the colonial period, had to migrate to foreign countries, fleeing from a situation that denied them while human beings as the sexual servile, the slavery and the hard work submission. In front of this, we put in analysis the black woman Caribbean context, migrant and poor, in Riley's novel, as a victim and agent of a history free of glory, but that is worthy to be passed on.

**KEYWORDS:** Caribbean. Migration. Adella.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989. Obras Escolhidas; v. 3.

CRHISTIAN, Barbara. *Black feminist criticism: perspectives on black woman writers*. New York: Pergamon Press, 1943.

FIDO, Elaine Savory. Textures of third world reality in the poetry of four African-Caribbean women. In: *Out of the Kumbia*. Africa world press, 1990.

GIRAUDO, José Eduardo Fernandes. *Poética da memória: uma leitura de Tony Morrison*. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1997.

HALL. Stuart. *Da diáspora – identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2003.

*Revista Literatura em Debate*, v. 6, n. 10, p. 68-87, ago. 2012. Recebido em: 07 fev. 2012. Aceito em: 18 jul. 2012.

MORRISON, Toni. *Amada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

RILEY, Joan. *Waiting in the twilight*. London: Women's press, 1987.

SILVA, Denise Almeida. Forasteiros na Pátria-Mãe: O lugar do migrante em *The lonely londoners*, de Samuel Selvon e *The final passage*, de Caryl Phillips. In: *Ilha do Desterro: A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.